
O COMPLEXO E O CONFUSO

Rodrigo Naves

Numa tirada de brilho, e algo premonitória, José de Alencar ironizava aqueles "que se consideram em jejum e ficam de cabeça oca, se ao acordarem não espreguiçam o espírito por essas toalhas de papel com que a civilização enxuga a cara ao público todas as manhãs". Os tempos mudaram, novas toalhas são feitas de material bem mais sutil do que o grosseiro papel-jornal, mas até certo ponto o caráter higiênico da operação permaneceu. Em meio a este ambiente, realmente não é fácil fazer uma publicação que encontre um ponto de equilíbrio — mesmo que instável — entre a seriedade das análises e o interesse do leitor, e mantenha equidistância tanto em relação à extrema especialização acadêmica quanto à simplificação para que tendem os meios de comunicação de massa.

Mas este é apenas o mais evidente dos problemas. Muito mais intrincado tem se revelado o processo de identificação das áreas e questões que realmente importa discutir, das divergências que precisam ser explicitadas com clareza e dos embates que não podem ser postergados — isto sem mencionar a tarefa quase sempre inglória de tentar encontrar aqueles que se disponham a levar a cabo o debate intelectual e político, com artigos e ensaios que tornem manifestas as diversas posições. Quando se observa o peso que várias revistas tiveram na vida político-cultural brasileira, não se pode evitar alguma perplexidade em face da pouca influência que elas exercem atualmente, ainda que consideremos a importância que tradicionalmente têm no Brasil os suplementos culturais ligados aos jornais diários.

No entanto, não se pode menosprezar o contexto político que em grande parte garantia a identidade e a incidência daquelas publicações, situações em que os conflitos sociais, ao menos aparentemente, ganhavam contornos mais nítidos, possibilitando oposições de caráter mais simples, a partir das quais "lado de lá" e "lado de cá" se desenhavam quase com nitidez. E isto não ocorreu apenas durante o regime ditatorial. Há alguns anos, contudo, o processo político brasileiro vem ganhando uma complexidade inédita, que promove toda uma série de compromissos e correlações sociais até então desconhecidos. E por vezes tem-se a impressão que a boa parcela das forças políticas interessa sobretudo transformar esta complexidade em confusão e obscuridade, o que não deixa de ser uma boa maneira de deixar tudo como está. Já tínhamos um futuro que não chega, em breve poderemos ter também uma transição que não transita.

As mudanças que o leitor encontrará nesta edição de *Novos Estudos CEBRAP* decorrem, em seu aspecto mais visível, da necessidade de adaptar a revista a melhores condições de comercialização, bem como da urgência de tornar seus custos mais compatíveis com o orçamento de uma publicação sem fins lucrativos*. Mas sobretudo vamos nos empenhar cada vez mais em fazer uma publicação que ajude a reverter este quadro, tentando contar com colaborações que ajudem a definir melhor o âmbito dos conflitos que permeiam a situação nacional e internacional, buscando trazer à tona as discussões políticas e culturais que concorram para uma melhor compreensão do momento que atravessamos.

* Por dificuldades por ora intransponíveis, continuaremos a editar — ao menos até 1988 — apenas três números por ano (março, julho e outubro, com o máximo de pontualidade), sem prejuízo dos assinantes, que continuarão a receber quatro edições por assinatura.